



“LUCAS! AFINAL QUEM ÉS? – EU SOU A CONSCIÊNCIA DA FEIRA A JUSTIÇA DE SANTANA”:
A UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS ARTÍSTICOS PARA LEGITIMAR E PROPAGAR O
DISCURSO IDEOLÓGICO DE ÍCONE DE RESISTÊNCIA NEGRA NA FIGURA DO ESCRAVIZADO
LUCAS DA FEIRA EM FEIRA DE SANTANA NO SÉCULO XX

Jaqueline Vieira Nascimento

Este artigo foi fruto do EDITAL N° 01/2020 - Premiação Aldir Blanc Bahia
Prêmio FUNDAÇÃO PEDRO CALMON, categoria MEMÓRIA

Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Ficha catalográfica gerada pela equipe de Bibliotecárias da Gerência técnica – Getec.

N1961 Nascimento, Jaqueline Vieira.

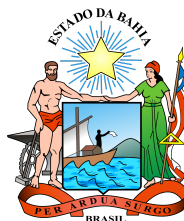
“Lucas! afinal quem és? – eu sou a consciência da feira a justiça de Santana”: a utilização de instrumentos artísticos para legitimar e propagar o discurso ideológico de ícone de resistência negra na figura do escravizado Lucas da feira em Feira de Santana no século XX / Jaqueline Vieira Nascimento. - 2021.

40 f.

Produto editorial produzido através da Lei Aldir Blanc Bahia, Prêmio Fundação Pedro Calmon - Categoria Memória, 2020.

1. Escravidão. 2. Escravidão - Feira de Santana (BA) - século XX. 3. Lucas da feira. I. Artigo científico. II. Título.

CDD 326
20. Ed.



**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DE CULTURA
PROGRAMA ALDIR BLANC BAHIA
FUNDAÇÃO PEDRO CALMON – CENTRO DE MEMÓRIA E ARQUIVO PÚBLICO
DO ESTADO DA BAHIA**

Jaqueline Vieira Nascimento

**“LUCAS! AFINAL QUEM É? – EU SOU A CONSCIÊNCIA DA FEIRA A JUSTIÇA DE SANTANA”:
A UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS ARTÍSTICOS PARA LEGITIMAR E PROPAGAR O DISCURSO IDEOLÓGICO DE ÍCONE DE RESISTÊNCIA NEGRA NA FIGURA DO ESCRAVIZADO LUCAS DA FEIRA EM FEIRA DE SANTANA NO SÉCULO XX**

**Feira de Santana - BA
2021**

Apoio Financeiro:



SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



RESUMO

Este artigo propõe apresentar e discutir a respeito da vida do escravizado Lucas da Feira, (século XIX) na cidade de Feira de Santana e a utilização de instrumentos artísticos para a construção e legitimação da sua imagem enquanto um líder da resistência negra no país contemporâneo. Nessa pesquisa, veremos o contexto histórico de sua trajetória, elencando como foi desenvolvido o processo de representatividade de um homem negro escravizado, conhecido por ser um fora da lei, salteador, temido na região durante décadas, até o momento que a arte é utilizada como aparato político, social e cultural fundamental na reconstrução imagética do indivíduo, trazendo para ele o título de herói feirense nos dias atuais.

Palavras chave: Lucas da Feira, Feira de Santana, escravidão, arte, cultura

ABSTRACT

This article proposes to present and discuss the life of the enslaved Lucas da Feira, (19th century) in the city of Feira de Santana and the use of artistic instruments to build and legitimize his image as a leader of the black resistance in the contemporary country. In this research, we will see the historical context of his trajectory, listing how the representativeness process of a black enslaved man, known for being an outlaw, a robber feared in the region for decades, developed until the moment that art is used as political, social and cultural apparatus fundamental in the individual's imaginary resociation, bringing him the title of feirense hero nowadays.

Keywords: Lucas da Feira, Feira de Santana, slavery, art, culture

“LUCAS! AFINAL QUEM ÉS? – EU SOU A CONSCIÊNCIA DA FEIRA A JUSTIÇA DE SANTANA”: A UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS ARTÍSTICOS PARA LEGITIMAR E PROPAGAR O DISCURSO IDEOLÓGICO DE ÍCONE DE RESISTÊNCIA NEGRA NA FIGURA DO ESCRAVIZADO LUCAS DA FEIRA EM FEIRA DE SANTANA NO SÉCULO XX

INTRODUÇÃO

Localizada entre o alto sertão e o Recôncavo, se encontra a cidade de Feira de Santana, o município por muito tempo conhecido como as portas do sertão baiano. Seu mito de origem remonta por volta do século XVIII, quando parte das terras do sesmeiro Peixoto Viegas, após sua morte, é vendida ao casal Domingos Barbosa e Ana Brandoa, que se estabeleceram na fazenda e a denominaram de Santana dos Olhos D'água. Com uma localização propícia, tendo em vista a movimentação de tropeiros, que por ali passavam, a fazenda foi se tornando um lugar de abrigo para tais viajantes, que pernoitavam pelas redondezas e davam de beber ao gado. Devido a essa circulação, ao longo do tempo estabeleceram o comércio através de pequenas feiras livres que ocorriam no local.¹

A pecuária, nesse período, foi a base da economia feirense. Através dessa atividade a região passou a ser movimentada, havendo criações de estradas, que facilitaram a circulação dos tropeiros e boiadeiros que comercializavam gado. Conta a história que por volta de 1832, devido ao aumento do fluxo de pessoas que circulavam e acabaram se estabelecendo na região, a fazenda ganhou o status de Vila de Sant'ana da Feira, dando início ao que posteriormente conheceríamos como a cidade de Feira de Santana, a segunda maior do estado e um dos mais importantes entroncamentos do interior baiano.²

O comércio de gado ocorria nas feiras livres que foram sendo formadas na região, contribuíram para seu crescimento e elevação em 1873 à condição de cidade. A região foi se desenvolvendo e cada vez mais a feira livre e o comércio forjou a imagem de Feira de

¹ Cf. ANDRADE, Celeste Maria Pacheco. **Origens e povoamento de Feira de Santana**: um estudo de história colonial, 1990, 165f, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.

² SILVA, Aldo José, Morais. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana**: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1927), 2000, 212f, Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000, pdf. p.18.

Santana, imagem esta que permeia até os dias atuais. Um local de comércio e de trânsito cultural através da circulação de diversas pessoas.

A base econômica da cidade, na época, se dava através da agricultura e pecuária, sendo ela desenvolvida em uma perspectiva da mão de obra escravizada. Segundo Freire, o sistema escravista se estabeleceu na região desde meados do século XVII, ainda com a família dos Peixoto Viegas. O sesmeiro, ao fazer parte do processo de interiorização das terras baianas, foi responsável pelo genocídio de grupos indígenas, como foi o caso dos Paiaias e posteriormente a inserção das primeiras mulheres e homens negros em condição escravizada para a localidade. Freire destaca que em 1835 havia cerca de 4.518 escravizados nessas terras, simbolizando cerca de 30,2% da população³.

Em Feira de Santana os escravos atuaram nos serviços da lavoura de cana-de-açúcar, tabaco, algodão e em diversas atividades que giravam no entorno das fazendas de gado, como a pecuária, a lavoura de mandioca e outros gêneros de subsistência, a exemplo do milho e feijão. Na Vila eles atuaram nos trabalhos domésticos das residências, e em serviços auxiliares do comércio, como o de carregadores.⁴

Atuantes diretamente no desenvolvimento econômico, o povo negro escravizado também influenciou na formação da cultura local. Esse processo foi abordado pela historiografia feirense através dos estudiosos, Rollie E. Poppino, Maria Celeste Pacheco, Luiz Cléber Freire e Flaviane Nascimento. Apesar dos estudos referente ao processo de escravização em Feira de Santana ser constituído por diversas mulheres e homens negros, ao analisarmos os trabalhos desenvolvidos por estes autores, percebemos que não houve um protagonismo específico de um determinado sujeito histórico. Porém, a pesquisa de Zélia de Jesus Lima, trouxe à tona, com bastante ênfase, a trajetória de um homem em específico chamado Lucas Evangelista dos Santos, este ganhou destaque ao longo da história da cidade, marcando a época em que viveu e o por vir.

A pesquisa de Lima é um importantíssimo referencial historiográfico para se pensar a trajetória do escravizado. A autora abordou aspectos desde a formação da sociedade, perpassando pela economia e a política da região, apontando também questões referentes a escravidão local, tendo como objetivo principal fazer um apanhado histórico a respeito da vida de Lucas, bem como os motivos da mitificação desse personagem.

³ FREIRE, Luiz Cleber Morais. **Nem tanto ao mar nem tanto à terra**: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana 1850-1888. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.p.72

⁴ Ibid, p.41.

Ao pensarmos na história a respeito do processo escravista ocorrido na cidade, Lucas da Feira, como ficou conhecido, se tornou um nome recorrente em relação ao tema, graças a considerada polêmica trajetória de vida. História essa que rompeu as barreiras do tempo e permaneceu no imaginário e na cultura do povo feirense, trazendo discussões a respeito de sua vivência e gerando uma dualidade nos discursos que abordaram e construíram sua imagem.

As discussões acerca do personagem Lucas da Feira foram sendo desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX e até os dias de hoje se fazem presentes na história feirense. Um personagem cercado de polêmicas. Não obstante, a exemplo de vilania, no século XIX, Lucas foi convertido em referencial para pensar a resistência e a identidade negra nas terras feirenses.

A imprensa local foi responsável por formar e disseminar as primeiras representações acerca da imagética de Lucas, através dos jornais, O Município, Tribuna Feirense, Folha do Norte e Feira Hoje, vimos ser apresentado, em diversos momentos a representação de um homem negro, violento, marginal, bandido, um criminoso que trouxe para Feira de Santana e o Estado, medo e caos. Esse discurso foi perpetuado em suas páginas por décadas. A imprensa contribuiu para alimentar uma narrativa moralizante, que o colocava diretamente como centro da vilania na cidade.⁵ Com o passar do tempo, essa história foi sendo revisitada, novos estudos foram utilizados para refutar essa primeira imagem construída de Lucas enquanto um salteador, e os meios artísticos foram um dos principais instrumentos no processo de ressignificação dessa imagem.

Esse artigo é fruto de uma análise e discussão monográfica intitulada: *Lucas porque te chamam de ladrão? a construção identitária de ícone de resistência negra na figura de Lucas da Feira em Feira de Santana no século XX (2018)*, de autoria própria, que analisou diretamente esse processo de construção das duas faces da imagética de Lucas da Feira e os responsáveis por essa mitificação vilaneica e heróica desse personagem. Aqui, a análise vai focalizar nas produções feitas por artistas feirenses e alguns outros não feirenses, que trouxeram um novo olhar sobre Lucas e que contribuíram para construí-lo enquanto um ícone de resistência negra, um herói da cidade.

Exemplo de vilania, no século XIX, Lucas foi convertido em referencial para pensar a resistência e a identidade negra em terras feirenses. Para essa mudança em sua abordagem se

⁵ Cf. NASCIMENTO, Jaqueline Vieira. “Lucas, porque te chamam de ladrão?”: **a construção identitária de ícone de resistência negra na figura de Lucas da Feira em Feira de Santana no século XX**. Universidade Estadual de Feira de Santana (Monografia). Feira de Santana, 2018.

deu, sem dúvida, por meio da utilização de instrumentos artísticos tais como cordéis, poemas, quadrinhos, peças teatrais e músicas, para construção de sua nova imagem. A respeito disso, tal utilização da linguagem artística não foi ainda apropriadamente analisada, nem mesmo devidamente mapeada, o que enseja a proposta aqui apresentada.

Considero a importância desse artigo, no que toca ao estudo da abordagem de aspectos culturais regionais em uma visão de produção no campo do discurso político, trazendo a produção artística como elemento difusor de conhecimento histórico e propagador de uma ideologia e afirmação sociocultural.

Tendo um caráter qualitativo, o presente projeto estabelece a metodologia para obtenção de informações fontes como: cordéis, folhetos, poemas, peças teatrais, trechos de entrevistas de autores e produtores de algumas obras, revista em quadrinho e músicas existentes que retratam Lucas da Feira, e que estão localizadas no Museu casa do Sertão, na Universidade Estadual de Feira de Santana e grande parte em sites, blogs e canais do youtube, por meio da internet. O tratamento das informações obtidas através da análise dos materiais, acima citados, bem como as bibliografias e os possíveis cruzamentos das fontes, nos possibilitaram a construção do artigo que versa sobre a utilização de meios artísticos na produção e afirmação da imagem de herói da resistência negra em Feira de Santana.

A arte é vista nesse momento como um instrumento político que, ressignifica, dissemina e cristaliza novos conceitos, como aponta Néelson Garcia, “As ações humanas se definem e se distinguem pelo fato de que são realizadas com um caráter eminentemente social, baseadas na cooperação entre diversos indivíduos”⁶ Entendendo as produções artísticas como práticas culturais realizadas pelos indivíduos, estas não estão desassociadas do âmbito político e social, mas como veremos nesta pesquisa, foram fundamentais ao revelarem posicionamentos, e refletirem as mudanças históricas e de mentalidade vivenciadas por um povo. Os instrumentos artísticos expressam, nesse momento, a voz e a luta de homens e mulheres em prol de uma busca por ressignificar sua história e resistir aos discursos pré estabelecidos.

⁶ Cf. GARCIA, Nelson, Jahar. Propaganda: **Ideologia e Manipulação**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/manipulacao.html> Acesso em: 31/03/2016.

Lucas! afinal quem és?

A formação social da cidade de Feira de Santana no século XIX era constituída por fazendeiros que possuíam a maior parte das terras e eram considerados a camada econômica e socialmente dominante, impondo leis e coordenando o modo de vida da sociedade. Os vaqueiros, comerciantes, roceiros e escravizados compunham o cenário como a parte atuante fundamental nessa formulação social. Lima nos relata que em Itapororocas, como era conhecida a região na época da família Viegas, os fazendeiros costumavam possuir cerca de 5 a 12 escravizados, sendo que alguns chegavam a ter em média 50. A distribuição se dava em atividades da lavoura, casa de farinha, e nas cozinhas das casas senhoriais.⁷

Foi na fazenda Saco de Limão, de propriedade do Padre José Alves Franco, em 18 de outubro de 1807 que nasceu Lucas Evangelista dos Santos. Filho de Inácio e Maria, ambos de origem gêges, pertencentes a senhora Ana Pereira do Lago, a tia e madrinha de Franco, por quem teria herdado os escravizados e a fazenda.⁸ Essa teria sido onde Lucas passou sua infância e trabalhou nas atividades do campo, lavoura e carpintaria. A respeito de sua rotina a autora aponta:

Nascido e criado na vida do campo, Lucas via, no dia a dia da senzala, seus pais, irmãos e outros parentes cuidarem da criação de gado, carneiro, do cultivo da cana-de-açúcar, da agricultura de subsistência, da conservação das estradas e dos poços de água para o abastecimento da casa grande e da senzala, entre outras atividades. Os cativos trabalhavam exaustivamente e recebiam uma alimentação inadequada à sua subsistência, além dos maus tratos contínuos, comuns à situação escrava. Isto aguçava ainda mais o estado de rebeldia do cativo.⁹

Podemos analisar através do trecho acima, que o dia-a-dia de Lucas constituía-se na labuta entre a lavoura e a carpintaria¹⁰. Segundo Lima, apesar do contexto de vida de Lucas ter sido pautado na subserviência, ele não foi considerado um escravizado dócil, desde criança mostrava rebeldia ao fugir diversas vezes da fazenda onde nascera, custando assim a aceitar sua condição escravizada.¹¹ As condições de vida precárias, a exploração do trabalho, os maus-tratos aliado a privação da liberdade, foram alguns dos principais motivos que

⁷ LIMA, Zélia Jesus de. **Lucas Evangelista: o Lucas da Feira**: estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana 1807-1849. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1990.p. 40

⁸ Ibid, p. 72.

⁹ Ibid, p. 160.

¹⁰ Ibid, p. 124

¹¹ LIMA, 1990, p. 131-132

contribuíram para as rebeliões escravas no período colonial. Vale ressaltar que durante todo o período escravocrata o povo preto resistiu à condição imposta. Essa resistência assumiu variadas formas: como o banzo¹², os homicídios dos senhores e as fugas. Com tais artifícios os escravizados procuraram se libertar da dominação e com isso constituíram um dos principais fatores para a abolição da escravatura. A busca por condições de vida melhores tornavam as fugas de cativos recorrentes em várias regiões do país. Muitos deles formaram grupos e constituíram um novo sistema de relação social, que ficou conhecido como os aquilombamentos.

Em Feira de Santana houveram vários casos de denúncias contra escravizados fugidos no período entre 1828 e 1843, sendo que, a maioria dos casos estavam relacionados a acusações de assaltos, saques e homicídios. Os bandos, assim chamados pela população e pelas autoridades da época, eram colocados como causadores de transtornos à sociedade.¹³

Vale ressaltarmos que as fugas e posteriormente os aquilombamentos não foram um processo fácil, pelo contrário, as condições de vida de um escravizado eram precárias como já pontuamos, tendo em vista o status mercadológico que assumiam, ao abandonarem tal condição, eram automaticamente impostos a ilegalidade, considerados fugitivos, ou seja, criminosos. Para além disso, a própria manutenção de suas vidas longe da exploração impostas pelos “donos da mercadoria”, se tornava um grande empecilho, tendo em vista as necessidades de moradia e alimentação. Conseguir sobreviver em um contexto de fuga era um desafio.

Os aquilombamentos foram uma das ações mais importantes no processo de abolição da escravatura, foram através dos agrupamentos do povo preto sejam fugidos ou libertos, os Quilombos foram fundamentais na sobrevivência e manutenção de vida dos negros na sociedade escravista. Sobre essa movimentação Carneiro salientou:

O movimento de fuga era, em si uma negação da sociedade oficial, que oprimia os negros escravos, eliminando a sua língua, a sua religião, os seus estilos de vida. O Quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos. (...) Os Quilombos, deste modo, foram um fenômeno contra-aculturativo, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração de valores antigos.¹⁴

¹² Banzo foi o nome atribuído a o estado sentimental em que os negros escravizados adquiriam, na qual ficavam extremamente tristes, levando alguns a morte, devido a retirada forçada de sua terra de origem. Posteriormente o Banzo foi considerado uma forma de resistência ao sistema escravista.

¹³ Ibid, p. 104 até 109.

¹⁴ CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988. p.13-14

Para exemplificarmos melhor, lembremos o caso do maior Quilombo existente na história do Brasil, o Quilombo dos Palmares, um local que acolhia escravizados fugidos, e conseguiram estabelecer, ao longo de anos, uma sociedade paralela, na qual esses sujeitos viviam livres, plantavam, colhiam em uma rede de solidariedade e trabalho mútuo. Porém a perseguição das autoridades governamentais fizeram com que o Quilombo dos Palmares sofresse ataques que levaram sua destruição¹⁵

Lucas cresceu nesse contexto social, tornou-se um homem de traços fortes, considerado ‘alto, espadaúdo, corpulento, preto, rosto comprido, entradas nos cabelos, barbado’.¹⁶ Teve sua trajetória modificada ao seguir os passos de tantos outros homens e mulheres que arriscaram traçar um novo rumo para sua história. Fugiu da fazenda por definitivo, por volta dos 21 anos de idade, posteriormente montou um grupo com outros escravizados que seguiram o mesmo destino. Se tornou líder, quando passou, desde então, a ser conhecido por Lucas da Feira. O bando de Lucas, (como ficou conhecido) a partir desse momento, começou a ganhar visibilidade na região de Feira de Santana, sendo acusado por diversas ações criminosas na região, desde assaltos a tropeiros, saques, homicídios, estupros, roubo, furtos e lesões corporais. Devido às diversas acusações, não demorou para que Lucas e seu grupo ganhassem fama na região e atraíram olhares não só das autoridades locais, mas também do Governo Imperial.

A mitificação da figura de Lucas deve ser entendida, no contexto da década de 1840, quando eclodiram diversas revoltas de escravistas, além de revoltas federalistas, a exemplo da Sabinada. De acordo com Igor Santos, essas revoltas ganharam as páginas dos jornais na época, causando frisson em meio às autoridades. Paralelo a esses acontecimentos, os jornais abriram espaço para os eventos relacionados a Lucas e seu bando. Sobre essa questão o autor destaca que após a Sabinada o Governo tinha como objetivo pôr fim às revoltas federalistas a fim de desestabilizar qualquer possível revolta escravista, a repressão foi intensificada, na imprensa era fortalecido esse discurso, com o pedido de punição dos considerados “espírito de partido”, onde suas cabeças eram literalmente postas a prêmio. Todos os homens e mulheres que propusessem um discurso ou ações que fossem de contra a ordem vigente eram considerados rebeldes e desordeiros.¹⁷

¹⁵ Ibid.

¹⁶ LIMA, 1990, p.124.

¹⁷ SANTOS, Igor Gomes. A ordem heterogênea: crime e criminalização de “comunidades volantes” na formação da nação, Bahia (1822-1853). 2017, 345f. Tese (Doutorado em História Social Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017, pdf. p. 268 - 269

Através da fama vilanesca que o bando de Lucas passa a adquirir na imprensa, as autoridades são pressionadas a capturar o grupo. Nesse sentido, Santos observa: “Um crioulo aterrorizando os caminhos das mercadorias, nas fronteiras do sertão para o recôncavo, não era bom sinal de ordem”¹⁸. Seu grupo ganhou visibilidade em toda província nos anos de 1840, Lucas era um dos salteadores mais procurados da região, cuja fama ganhou status nacional. O autor defende ainda, que a imagem tão incisiva de criminalidade proferida a Lucas estaria relacionada mais com os discursos construídos pelas imprensa e autoridades locais, do que pelos seus próprios atos. Lucas de fato era um salteador, porém a imagem exacerbada sobre os seus feitos, produzida pela sociedade da época influenciou na construção do estigma de facínora e na propagação do mito¹⁹

Estima-se que Lucas e seu bando agiram por cerca de vinte anos em Feira de Santana e regiões próximas, período em que foram oferecidas recompensas para quem auxiliasse a polícia em sua captura. Porém sem êxito. Suas ações ganharam destaque na época, sua fama percorreu entre crimes cometidos e alguns atribuídos a ele sem nem ao mesmo terem sido de sua autoria. Por onde passasse naquela região ouvia-se histórias sobre Lucas O Salteador²⁰.

Santos informa que na imprensa local havia um esforço em desvincular Lucas à cidade de Feira de Santana. Para eles, Lucas era o bandido, o escravo fugido que assaltava e oferecia perigo à população. Entre uma notícia e outra a respeito dos seus crimes, as construções folclóricas das histórias do bando de Lucas foram ganhando espaço na memória coletiva da população. Lucas matava, roubava nas estradas, violentava donzelas. Essas foram algumas das histórias que através da oralidade rondavam o imaginário da sociedade feirense, essas e outras foram fundamentais para a popularização de Lucas e a mitificação de sua imagem.²¹ Mais vinte anos passaram desde a fuga de Lucas da fazenda Saco do Limão, em 1828, durante esse período o mesmo foi protagonista em uma história de vida cercada de conflitos sociais típicos de uma sociedade escravista. Somente em 1848, após a entrega de sua localização pelo seu companheiro de bando, Cazumbá, que organizou uma emboscada, Lucas da Feira foi capturado, teve seu braço amputado, graças ao agravamento do ferimento causado pelo tiro que levou no momento de sua captura. Posteriormente seguiu à sala do júri, onde foi condenado a pena de morte.

¹⁸ Ibid, p.269

¹⁹ SANTOS, 2017, p. 269 - 275.

²⁰ O jornal O Município, no ano de 1892 traz algumas reportagens intituladas “Lucas o Salteador” onde abordam partes do interrogatório feito à Lucas. Nas páginas há acusações de delitos e algumas confirmações do acusado. O jornal encontra-se no Arquivo do Museu Casa do Sertão. In: NASCIMENTO, 2018.

²¹ Cf. SILVA, Alberto. Lucas da Feira. **Revista IGHBA**, 1949. p.185 até 191. Pasta de Lucas- Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF).

Em 25 de dezembro de 1849 Lucas Evangelista do Santos, o Lucas da Feira foi enforcado em praça pública e antes de sua morte, segundo Zélia Lima, proferiu suas últimas palavras que diziam: “Sei quantos d’entre vós estão contentes de me verem assim acabar, eu peço perdão a Deus e a todos que me perdoem.”

Muitos anos se passaram, mas a memória de Lucas da Feira não morreu com ele, durante décadas seu nome e história continuam sendo lembradas e discutidas ao longo do tempo. Discussões acerca de sua imagem e sua representação despertam questões polêmicas e debates acalorados, tanto em meio à historiografia quanto na sociedade feirense, onde a última divide opiniões no que diz respeito ao personagem. Durante muito tempo a imagem de Lucas da Feira, foi a de um bandido, salteador, extremamente violento, um facínora que aterrorizou Feira de Santana e região, sendo que sua imagem e história deveriam ser esquecidas com sua morte. Essa visão referente a Lucas foi estabelecida e passada durante gerações. Porém, por volta do final do século XX começaram a surgir novas interpretações e ressignificações acerca de sua imagem. Determinados grupos e sujeitos passaram a interpretar e representar a história de Lucas da Feira sob uma ótica diferenciada. Dando a ele uma característica de ícone da resistência negra feirense, um escravizado que não se sujeitou a condição imposta e foi contra o sistema, contrariando as autoridades e a sociedade da época.

Eu sou a consciência da Feira, a justiça de Santana!

Por anos, mesmo após sua morte, os jornais O Município, Folha do Norte e Coluna de Vida Feirense, se encarregaram de divulgar Lucas da Feira enquanto um salteador. Jornalistas como Arnold Silva e Hugo Silva, escreveram diversos textos que traziam à tona os crimes de Lucas, propagando e cristalizando sua imagem enquanto bandido, um indivíduo a ser lembrado pelos seus crimes e pelo risco que oferecia à sociedade. Seus artigos focalizaram em uma vilania que levou o sujeito à morte, uma forma de deixar vivo na memória dos feirenses o destino daqueles que arriscariam se enveredar na vida de ‘rebeldia’.²²

Não só os jornais da época tiveram esse papel na cristalização do Lucas Salteador. A literatura que se estabelece enquanto um meio artístico que descreve e representa, através de eventos ficcionais os pensamentos de determinada sociedade, também contribuiu, para legitimar aspectos racializantes da vida de Lucas, em um primeiro momento. O marco da

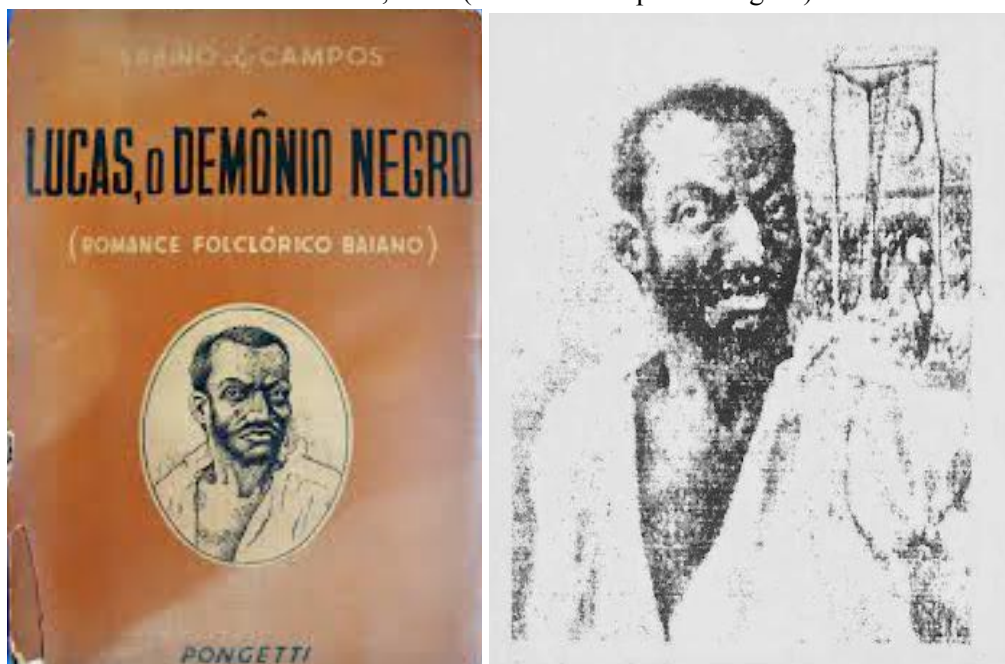
²² Cf. NASCIMENTO, 2018.

literatura, que trouxe uma apanhado histórico a respeito de Lucas foi a obra do poeta Sabino de Campos, intitulada Lucas o ‘Demônio Negro’. Em seu livro, publicado em 1957, o autor abordou aspectos da trajetória do antigo escravizado, e o tratou enquanto um bandido violento.²³

Elaine Costa, em análise da obra de Campos, reiterou que o preconceito referido a Lucas, ao tratá-lo como um demônio, vinha da influência cristã e da rejeição à cultura e à religiosidade de matrizes africanas. Ao adjetivar Lucas nessa perspectiva, Campos fez transparecer um pensamento enraizado da moralidade entre bem e mau, e a partir dessa releção dicotômica, o negro que durante muito tempo era visto pela igreja católica como um ser sem alma, no caso de Lucas, ainda mais por ter vivido uma vida de “maldades e crimes”, acabava por ser atrelado a uma fera, ou um demônio.²⁴

Analisemos as imagens:

Figura 01 e 02: Capa do Livro de Sabino Campos - 1957/ Primeira ilustração de Lucas da Feira, 1948 (atribuída a Lopes Rodrigues)



Fonte: SILVA, Alberto. Lucas da Feira. **Revista IGHBA**, 1949.

Podemos ver acima, a capa do livro de Sabino de Campos, nela um desenho representando a imagem do que teria sido o rosto de Lucas da Feira, ao lado vemos ampliada

²³ CAMPOS, Sabino de. **Lucas o demônio negro**. Romance folclórico baiano. Rio de Janeiro, 1957. Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF)

²⁴ COSTA, Elaine de Jesus. **Lucas da Feira e os demônios da representação**. Monografia (Licenciatura em História) Universidade Estadual de Feira de Santana. 2015. p. 62.

a figura que serviu de base para a ilustração do livro. A fotografia em preto e branco foi a primeira representação de Lucas da Feira, encontrada em 1848 e de autoria atribuída ao pintor baiano e um dos fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia, Manoel Lopes Rodrigues²⁵. Nela, vemos Lucas já com braço amputado, seu rosto, que aparenta estar nos encarando, sustenta os traços marcados que delineiam a sobrancelha, testa e boca frisadas, uma expressão ríspida e sisuda que parece sugerir uma possível característica de vilania ao personagem, carregando o pesar de um semblante odioso. Dado o período em que foi feita, corrobora bastante com o que se compreendia de Lucas, um homem violento e maldoso.

Nesse momento ainda vemos essa imagem de vilania ser majoritariamente difundida a respeito de Lucas, Nascimento, em estudo, nos afirma que ao longo do século XX, graças ao crescimento de grupos do Movimento Negro as discussões em torno do regime escravista no país, as consequências sócio culturais e o racismo vão sendo desenvolvidas e problematizadas, gerando um novo olhar e ressignificando pautas anteriormente colocadas a margem. Os debates e novos estudos revelam a outra face da formação nacional, que foi constituída pela inferiorização do povo preto. Essas questões trazidas pelas lutas políticas do Movimento Negro no país, serviram de base e influenciaram pensamentos e por conseguinte releituras e produções referentes a cultura afrobrasileira e os indivíduos que a compõe.²⁶

Diferentemente do que vemos ser retratado na literatura de Sabino e na pintura do artista Manuel Lopes, veremos abaixo uma outra representação alegórica de Lucas, datada de 1983, mais de um século depois da pintura anterior, vejamos:

Figura 3 - Representação de Lucas da Feira. Desenho feito por Vivaldo Lima, publicada em 1983 na revista Panorama

²⁵ Manoel Lopes Rodrigues foi um pintor, desenhista, professor e co-fundador da Academia de Belas Artes da Bahia, nascido em Salvador no ano de 1860. Seu nome aparece no cordel “Vida e morte de Lucas da feira, o negro escravo assaltante” de Franklin Maxado, na qual menciona que a autoria da imagem foi atribuída a Rodrigues, pelo escritor Gustavo Barroso. MANOEL Lopes Rodrigues. **In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23851/manoel-lopes-rodrigues>>. Acesso em: 15 de Jan. 2018.

²⁶ Cf. NASCIMENTO, 2018.



Fonte: LIMA, Vivaldo. Lucas da Feira. **Revista Panorama**, ano. I, n. 3. p. 24, out. 1983.

A ilustração foi feita pelo artista Vivaldo Lima, professor de Letras, pintor e mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, criou essa obra para acompanhar um texto publicado na revista Panorama e escrito por Jânio Rêgo, um dos primeiros jornalistas feirenses que começou a questionar a imagem construída a respeito de Lucas, e por seguinte problematizar e escrever sobre o contexto social vivido por ele. A figura dialoga com o texto que traz uma perspectiva positiva acerca de Lucas, na medida em que seus traços apresentam um Lucas com uma aparência mais jovial, testa levemente franzida, seu olhar não mais nos encara, pelo contrário, aparenta estar cabisbaixo e melancólico. Nesse momento a impressão medonha da imagem anterior, dá lugar a um sentimento de compaixão perante as linhas que se tece de um sujeito que sofreu perante um sistema atroz. A arte de Lima consegue ilustrar Lucas como uma vítima da sociedade que o formou.

Vejamos um trecho do texto que acompanhou o desenho de Lima:

Ao subir no cadafalso, tendo uma visão exata da morte, Lucas demonstrou a todos o espírito de bondade ao pedir em alta voz que Deus e os homens lhes perdoassem os crimes cometidos, findando desta maneira o ódio, a mágoa e o rancor contra os homens de sua época pela atrocidade cometida: A exploração do homem pelo homem.²⁷

²⁷ ENOCK, Elias. Lucas Evangelista. **Folha do Norte**, Feira de Santana. 19 set. 1977. p. 11. Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF)

Rêgo vai de contra todo um discurso amplamente difundido de Lucas enquanto um vilão, nesse momento, ainda não presenciamos com ênfase a imagem de Herói e ícone de resistência negra ser afirmado, mas já conseguimos presenciar uma outra representação sendo formada, Lucas nesse momento já é entendido enquanto uma vítima do sistema opressor que foi a escravidão. E Vivaldo através de sua arte consegue estar de acordo, quando constrói assertivamente através do olhar de Lucas a mensagem que o jornalista quis passar no texto.

A memória é uma característica fundamental ao falarmos sobre a história de Lucas da Feira, foi por meio dela, que pudemos ver sendo tecido os vestígios que deram sustentabilidade ao personagem vivido em tempos antigos. A memória coletiva forneceu elementos balizadores na construção de Lucas da Feira enquanto uma figura mítica e os detentores dessa memória ao longo de anos escolheram atribuir a ele o estigma de bandido. Como aponta Jaques le Goff, “o processo de memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”²⁸. Se a sociedade e os sujeitos detentores da memória possuem o poder de construir a história, e conseqüentemente, esta também pode ser revisitada e ressignificada, a partir de novos olhares vemos então o despertar de uma desconstrução dos discursos antigos.

Nesse momento vamos refletir a respeito de como o tempo nos fornece transformações, e elas são capazes de modificar os moldes antigos e reconstruir estruturas que já não nos cabe. Ao olharmos para o passado, através do acesso à memória, nos damos conta das problemáticas existentes, e a partir disso a sociedade constrói novos conceitos e estabelece novas identidades. No campo da historiografia social não foi diferente, durante as décadas de 1970 e 1980 houveram o surgimento de novos estudos a respeito do processo escravista no país, outras metodologias foram adotadas, conteúdos revistos e problematizados.

Se anteriormente tínhamos como base para pensarmos escravidão e formação sociocultural no Brasil, a obra inintitulada Casa Grande e senzala de Gilberto Freyre (1930)²⁹, que disseminou uma ideia de que a escravização teria sido um processo passivo, justificada pela miscigenação entre brancos e negros e posteriormente gerando uma interpretação acerca da democracia racial, o paraíso em que as raças conviveriam em comum acordo, discurso este difundido ao longo da história. O estudo de Freire trouxe a tona uma análise histórica que representou o processo de escravização no Brasil na perspectiva do paternalismo, na qual,

²⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p.424.

²⁹ Cf. FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

segundo o autor, as relações que se estabeleciam entre senhor e escravo consistiam em passividade entre ambos, a ideia do senhor bom e do escravo dócil, que comunga com a casa grande e desenvolve relações “familiares” com seu senhor contribuiu para estabelecer uma ideia romantizada a respeito do regime escravocrata, atribuindo um caráter pacífico do período. Durante décadas seu trabalho serviu de referência para os estudos do sistema escravista no Brasil e sua importância enquanto análise histórica é consenso até os dias atuais, porém ao longo das décadas de 1960 e 1970, novos estudos foram surgindo e as problematizações acerca do texto de Freyre foram sendo colocadas em destaque, sua análise foi sendo questionada, um novo olhar sobre as antigas fontes e a análise de novas fontes instrumentalizou para com novos discursos, a ideia de um regime paternalista foi se modificando, e essa nova análise fomentou uma discussão na qual o sistema escravista passa a ganhar aspectos tanto de violência quanto de resistência, os escravizados ganham um papel mais ativo dentro desse contexto.

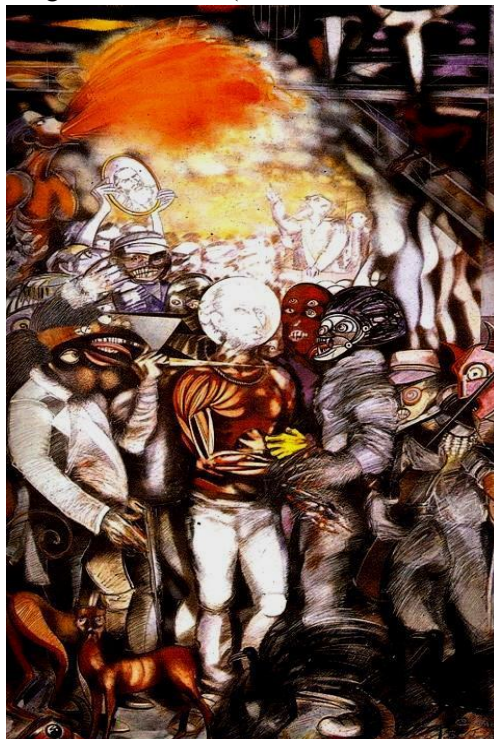
A partir de autores como Clóvis Moura, Eduardo Silva, Katia Mattoso e João José Reis, vamos ver serem tecidos novos rumos a essa mentalidade, trazendo a tona toda a problemática em torno das relações estabelecidas durante o sistema escravista, apontando a violência existente no processo, contrariando os estudos de Freyre, além de difundir o ideal do protagonismo negro, sendo estes considerados como agentes ativos na história.

A seguir veremos uma pintura feita pelo pintor e artista plástico feirense Antonio Carlos de Oliveira Barbosa (1945- 1988). No evento de inauguração do Projeto Memórias, (2007) feito para expor obras de grandes artistas feirenses, em entrevista ao *Canal EducaBahia*, a museóloga Selma Oliveira comenta sobre as obras de Barbosa e destaca: “multifacetada, explorando, com desenvoltura, temas que vão do sacro ao urbano. Na trilha de nomes do porte do poeta Eurico Alves e do artista plástico Juraci Dórea, ele também aborda as tradições do município”.³⁰

Retratada no ano de 1987 e exposta no Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) em Feira de Santana. A pintura intitulada *O flagelo de Lucas*, traz uma representação inovadora e destoante do que já tinha sido feito até o momento. Considerada como uma de suas obras mais importantes, foi através dela, que Carlo Barbosa, como era conhecido, conseguiu uma projeção nacional.

³⁰ Cuca abre o Projeto Memórias com exposição de Carlo Barbosa. Canal EducaBahia. 2007, Salvador. Disponível em: <<http://www.bahia.ba.gov.br/2007/11/noticias/educacao/cuca-abre-o-projeto-memorias-com-exposicao-de-carlo-barbosa/>> . Acesso em: 09 abr 2021.

Figura 4 - “O Flagelo de Lucas” (Acrílico sobre tela, 240 x 150. 1987)



Fonte: REGO, Jânio Costa. “O Flagelo de Lucas da Feira” está no Museu Regional de Arte. **Blog da Feira**. Feira de Santana, 2013. Disponível em: <<https://blogdafeira.com.br/home/2013/12/18/o-flagelo-de-lucas-da-feira-esta-no-museu-regional-de-arte/>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

A tela traz explora algumas tonalidades de cores que mesclam entre o preto, marrom escuro e avermelhado, com mesclas de cinza e branco, ao fundo, o vermelho e amarelo evidencia o que parece ser um alaranjado pôr do sol, mas que ao mesmo tempo simboliza uma bola de fogo que sai da boca da figura apresentada no canto esquerdo da tela. O fogo parece cair sobre figuras esbranquiçadas ao fundo. No centro, mas em destaque, vemos a imagem de um homem acorrentado, ao que parece, pelo pescoço e mãos. A parte superior do seu corpo exposta, e em sua face uma esfera revela o rosto do próprio pintor.

O desenho que representaria Lucas se encontra rodeado de figuras com corpo humanoides, todas elas trajadas em ternos, porém seus rostos nos revela uma personificação animalesca, distorcida, com pinceladas sombrias. Lucas aparece sendo o único com o rosto em forma humana e bem iluminada.

A tela de Barbosa está sujeita a diversas interpretações. Primeiramente, o nome designado a tela “O flagelo de Lucas” nos remete a tela “Flagelação de Cristo” do pintor italiano, Giovanni Francesco Barbieri, conhecido como Guercino. A tela datada do ano de 1644 e exposta atualmente no Museu de Bellas Artes (Hungria) traz a figura de Jesus Cristo durante seu julgamento, castigo e condenação à morte, pela cruz. Analisemos a tela:

Figura 5: Flagelação de Cristo - 1644



Fonte: JESUS, flagelação de. Wikiwand. Disponível em: <https://www.wikiwand.com/pt/Flagela%C3%A7%C3%A3o_de_Jesus>. Acesso em: 14 mai. 2021.

Segundo a narrativa bíblica, Jesus teria sido surrado, humilhado e levado a público onde foi condenado a crucificação. A obra de Guercino apresenta homens que seguram e açoitam Jesus, ao seu redor, outros se aglomeram acompanhando a flagelação. Jesus se encontra despido, com os braços presos. A obra nos remete a Pintura de Barbosa, não só pelo nome, mas pelo enquadramento. A figura central e as que a cerca, além das tonalidades mais escuras, amarronzadas e avermelhadas. Tendo em vista as similaridades das telas, podemos destacar que Barbosa se inspirou na tela de Guercino e fez uma analogia da trajetória de sofrimento de Jesus Cristo, com a de Lucas da Feira, assim como na narrativa bíblica, Jesus é torturado e sofre condenação à morte, mesmo sendo inocente pelos atos que o acusaram, Luca também teria sofrido os julgamentos de uma sociedade injusta, que o condenou.

A representação da morte de Lucas enquanto um flagelo elucidada uma nova interpretação acerca do escravizado, Lucas aparece como vítima de um sistema racista e opressor, que não dá voz às suas inquietações. Ao retratar os personagens ao seu redor enquanto figuras animais, Barbosa, aparentemente, retrata a desumanização desta sociedade e do sistema, e revela que, ao nosso ver, os verdadeiros vilões são os sujeitos que o açoitaram e escravizaram.

Outra obra artística que corrobora com o discurso mitificado de Lucas paralelo a Jesus Cristo, se encontra em um trecho da Literatura escrita pelo o jornalista Juarez Bahia. O

escritor, nascido em Cachoeira, veio para Feira de Santana com seus pais por volta da década de 1940, onde passou boa parte de sua infância. Intitulado “Setembro na Feira”, o romance de Bahia é datado de 1986 e elucida memórias do seu passado, onde através delas construiu uma narrativa fictícia, com pano de fundo a Cidade de Feira de Santana, perpassando por aspectos culturais, regionais e políticos, traçando um cotidiano em meio ao cenário da década em que viveu na região. O autor dialoga tanto com a memória, quanto com aspectos da oralidade local.

Na obra, o autor traz um pequeno diálogo entre dois personagens, Maria Barbada e Mané Inácio, que referencia Lucas da Feira, vejamos:

- Gente, por que venerar o Lucas? Venerar? , venero a Deus, não a um criminoso.
- É verdade, Dona Maria - Diz Mané Inácio - , sou velho, mas nem tanto assim. Os meus maiores viram e deles eu ouvi o que transmito. Meu pai me contava que havia brancos e pretos na Feira que respeitavam Lucas como um santo.
- Só se santo do Pau Torto – diz Maria Barbada. – O que eu sei é que ele foi um diabo.
- Isso é a história escrita que fala, Dona Maria. A história falada é diferente. Meu pai dizia que ele era mau para uns, bom para outros. Não é assim que nos somos? Para uns nós somos bons, para outros não prestamos. Os pretos gostavam dele. E não era só de simpatia, não, era de respeitar.
- Com licença – diz Mané Inácio – não quero absolver o Lucas da Feira. Um criminoso, sim e um herói, também. Roubava e dava aos pobres. E não matava só por matar. Havia recompensa a escravos e libertos pela sua captura. Quem as aceitou? Ninguém. Só foi apanhado pela traição. Só assim, Dona Maria, mas assim é que Cristo foi crucificado.³¹

O autor, no trecho aqui referendado, enfatiza que existem duas histórias a respeito de Lucas, uma escrita e cristalizada e outra fruto da oralidade, o que corria pelas bocas populares. A fala de Dona Maria representa o pensamento cristalizado, herança escravista que condicionou Lucas da Feira a um bandido, por outro lado Mané Inácio representa a alteridade desse discurso, que traz à tona o questionamento e inquietações, que sugerem a Dona Maria uma reflexão.

É sabido pelo personagem Mané Inácio que existia uma diferença nas construções sociais e imagéticas, na qual todo discurso pode ser construído de acordo com os posicionamentos de quem o constrói, e por sua vez, também poderia ser reinterpretado. Inácio em sua fala coloca Lucas da Feira enquanto um herói, que foi de contra um sistema desigual

³¹ BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1986. p.127-128

imposto e ainda o compara a trajetória Cristã, do homem que ajudou aos pobres e morreu devido a traição de um dos seus. Fazendo um paralelo com Jesus e Judas.

Podemos presenciar na passagem de Juarez um posicionamento que, pela nossa análise, converge diretamente com a do autor. Tendo em vista que J. Bahia é um homem negro retinto, jornalista e ativista, e que escrevia em um contexto na qual as discussões a respeito das lutas sociais e raciais estavam afloradas e ganhando uma nova roupagem. O autor se utiliza da obra literária para expor suas ideologias, além de eternizar através dela, uma nova representação do homem negro, agora não mais como um salteador ou demônio, mas como uma figura que teve sua trajetória de vida similar a de Jesus Cristo, um herói.

Instrumento artístico de cunho popular e muito presente na cultura de Feira de Santana, a literatura de cordel também deixou registrado em suas páginas a história de Lucas da Feira. Cordelistas como Franklin Maxado, Ana Maria Santana, João de Cristo Reis, Jurivaldo Alves e Patrícia Oliveira, foram alguns que produziram cordéis retratando o personagem. Cordéis como: *Quem era Lucas da Feira* (Erotildes Miranda dos Santos), *Capitão Lucas da Feira: a verdadeira história* (Franklin Maxado Nordestino), *História de Lucas da feira* (Ana Maria de Santana e João de Cristo Reis), *O destemido Lucas da Feira: Essa história aconteceu por volta de 1849 nas proximidades do Campo do Gado em Feira de Santana na Bahia* (José Cerqueira Almeida), *Prisão e morte de Lucas da Feira* (Jurivaldo Alves da Silva e Patricia Oliveira), São algumas obras produzidas e se encontram no Arquivo do Museu Casa do Sertão na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Há indícios que a literatura de Cordel tem origem por volta do século XII ou XVI na Europa. Foi trazida para o Brasil através dos Portugueses e se popularizou principalmente na região Nordeste do país. O período de auge do Cordel no Brasil foi a partir de 1930 e 1940, segundo Amaral os folhetos serviam como forma de lazer e relação social, ao juntar grupos de pessoas que paravam para escutar as cantigas provenientes dos cordéis.³²

O Cordel é um livreto com textos rimados que contam histórias diversas, vem acompanhado com imagens/desenhos feitos na técnica de xilogravura, que é uma pintura gravada em madeira, que forma uma espécie de carimbo. Suas estrofes carregam drama, comédia, sarcasmo, romance, sátiras, entre outros aspectos que possam construir uma narrativa, que pode ser recitada em forma de cântico. Comercializados por um valor

³² Cf. TEIXEIRA, Larissa Amaral. *Literatura de cordel no Brasil: folhetos e a função circunstancial*. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais. Brasília, 2008.

simbólico, costumeiramente nas feiras livres das pequenas cidades, o cordel se configurou no Brasil enquanto uma literatura popular que carrega a cultura e tradição de um povo.³³

Nas imagens abaixo, vemos três capas de cordéis e logo em seguida trechos que retratavam Lucas da Feira. Apesar da gama de folhetos produzidos, vamos focar em três deles, falaremos um pouco sobre cada uma a seguir:

Figura 6, 7 e 8: Cordéis sobre Lucas da Feira (1976 - 2005)



Fonte: CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. ABC de Lucas da Feira. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=LC2661%20-%20ABC%20de%20Lucas%20da%20Feira&pesq=&pagfis=46521>>. Acesso em: 10 abr. 2021. SILVA, Jurivaldo Alves da; SILVA, Patrícia Oliveira da. **Prisão e morte de Lucas da Feira.** 1976, Feira de Santana, Ba: (s.n.), 2008. 8p. In: Museu Casa do Sertão - Universidade Estadual de Feira de Santana. MAXADO, Franklin. **Vida e morte de Lucas da Feira, o negro escravo assaltante.** Feira de Santana, BA, 2005. In: Museu Casa do Sertão - Universidade Estadual de Feira de Santana.

Três imagens distintas são apresentadas nas capas dos respectivos cordéis. Seguindo a ordem das imagens, Lucas aparece em sua primeira configuração, (que já foi analisada nesta pesquisa anteriormente), o título aborda sua trajetória até o momento de morte e o evidencia enquanto um ‘negro assaltante’. Ao fundo, aparece o cadafalso onde foi enforcado. Na segunda imagem, Lucas é representado em uma alegoria que nos remete a um cangaceiro, usando seu chapéu de couro enquanto empunha sua arma de fogo. é válido ressaltar que era comum os cordéis trazerem diversas histórias referentes ao cangaço e os cangaceiros, Lucas em alguns estudos é visto como parte integrante desse movimento, sendo comparado a Cabeleira e Lampião (ambos importantes nome do Cangaço no país).³⁴

Na terceira imagem Lucas aparece empoderado, com sua capa e grande chapéu, montado em um cavalo, sua postura erguida traz poderio ao personagem, que está sendo

³³ TEIXEIRA, 2008.

³⁴ LIMA, 1990, p 14.

guiado por um outro homem, que parece ser um ajudante, ou companheiro de bando. Todas as representações de Lucas nos revelam diferentes conceitos sobre esse personagem marcante na história de Feira de Santana, e corrobora para confirmar que sua história não seguiu um único viés, mas engloba diversas interpretações e representações acerca do mesmo.

Agora analisemos os trechos referentes a esses cordéis:

Prisão e Morte de Lucas da Feira

Ele nasceu na senzala
Num engenho d' Bahia
Um jovem de liderança
Que crescia dia a dia
Aos seus pais pedia benção
Toda manhã com alegria
Mas por causa dos maus tratos
Que a família recebia
Se tornou um revoltado
Que ninguém obedecia
E quando estava agitado
A todo instante fugia [...]
Vivendo dentro do Mato
Esqueceu a escravidão
Por certas necessidades
Lucas tornou-se ladrão
Roubava animais no campo
Para sua alimentação
Pra defender sua raça
Não tinha arrependimento
E quando o senhor de engenho
Lhe tachava de nojento
Lucas da Feira ficava
Cada vez mais violento [...]
Lucas foi destinado
Para nessa terra lutar
Pelos escravos irmãos
Toda vida sem parar
No Brasil e toda África

Sua história quis mudar

Vida e Morte de Lucas da Feira

Vejam que escravidão
Deu um zumbi dos Palmares
Que fugiu de ser escravo
Não podendo vencer mares
E voltar p'ras suas África
Assim armou os seus pares
Defendendo os seus ares
Em um enorme Quilombo
Deu trabalho aos seus irmão
[...]
O seu exemplo de raça
Deve ter sido escutado
Pelos ouvidos de Lucas
Entre o povo escravizado
Porque não temeu o fim
Mesmo sendo enforcado
Como um zumbi irado
Lucas pode ser escória
Se é vilão ou herói
Discutam sua glória
Por isso ele tá vivo
E faz parte da memória.

ABC de Lucas da Feira

Adeus Saco de Limão
Lugar aonde nasci,
Eu vou preso pra bahia
Levo saudades de ti,
Sabendo que vou morrer
Talvez eu não volte aqui!
[...]
Gostaram quando fui preso
Para sofrer crueldade,
Escoltado pra Bahia
Deixando a minha cidade.
Adeus Sacos de Limão,
De ti eu tenho saudade!
[...]
Homem pobre não roubei
Pois não tinha o que roubar,
Mas os ricos de carteira,
Nenhum deixei escapar,
Quando não dava dinheiro
Só tinha um geito: matar!..
[...]
Roubei muita gente boa,
Ninguém fala de Luquinha,
Quem não tinha o que eu
roubar
Não ia roubar a farinha..
Muitos pobres ajudei
com toda vontade minha.
[..]

O cordel *Prisão e morte de Lucas da Feira*³⁵ é de autoria dos cordelistas Patricia de Oliveira da Silva e Jurivaldo Alves da Silva, ambos pai e filha escreveram o folheto em 1976, no trecho é possível notar uma contextualização da trajetória de Lucas, ao apresentar os maus tratos sofridos, graças a escravização, os cordelistas justificam as ações ditas criminosas do personagem, e enfatizam que o mesmo ajudou e foi referência para muito dos seus. Em um período marcado pela prisão, Lucas buscou sua liberdade.

³⁵ SILVA, Jurivaldo Alves da; SILVA, Patricia Oliveira da. **Prisão e morte de Lucas da Feira**. 1976, Feira de Santana, Ba: (s.n.), 2008. 8p.

Franklin Maxado, no cordel *Vida e morte de Lucas da Feira, o negro escravo assaltante* (2005)³⁶, elucida um Lucas influenciado por Zumbi dos Palmares, suas linhas também seguem a métrica do cordel anterior ao considerar o sujeito, como o defensor de sua raça, um símbolo de resistência tal qual Zumbi, que não se rendeu ao sistema imposto, mas quebrou seus grilhões e traçou o destino de sua própria vida, não esquecendo dos mais necessitados, como é o caso do cordel; *ABC de Lucas da Feira*³⁷ de Rodolfo Coelho Cavalcante que apesar de demonstrar que Lucas era um assaltante, deixa claro que o mesmo não roubava aos pobres, pelo contrário, os ajudava.

Apesar de Lima destacar que não há fontes que possam evidenciar que Lucas foi um Robin Hood do Sertão, tirando dos ricos para dar aos mais necessitados, ou um Zumbi dos Palmares, fazendo parte de Quilombos e ajudando ex escravizados ou fugidos. A autora afirma que o mesmo vivia em esconderijos, nas matas, não há indícios que tenha recebido suporte de comunidades negras, porém é sabido que houve possíveis negociações entre o bando de Lucas e alguns Quilombos, como forma de proteção.³⁸ O que garante a possibilidade de relação entre ele e esses grupos.

A oralidade teve importância em delegar a Lucas esse título, e através dos cordéis cristalizou o mito de um herói fora da lei. Joutard ao defender a relação de história e memória aponta que deve haver uma reconciliação entre ambas e que a metodologia baseada nos relatos orais muitas vezes acaba sendo mais útil do que os próprios documentos, que por sua vez são tão valorizados nos estudos historiográficos.³⁹ Tania Gandon também defende a utilização da história oral e da memória coletiva e reafirma a importância da mesma, Gandon ao discutir os métodos aponta os caminhos possíveis ao se trabalhar com a oralidade, afirmando que a mesma é representante de uma cultura e memória popular.⁴⁰ Essas fontes passam a ter significado a partir do momento que também expressam o discurso e a voz de determinado grupo. Ela não só reflete a dualidade dos discursos, como também determina a perpetuação histórica de Lucas, que apesar de ter existido ainda no século XIX, continua vivo até os dias atuais.

³⁶ MAXADO, Franklin. **Vida e morte de Lucas da Feira, o negro escravo assaltante**. Feira de Santana, BA, 2005.

³⁷ CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC de Lucas da Feira**. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=LC2661%20-%20ABC%20de%20Lucas%20da%20Feira&pesq=&pagfis=46521>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

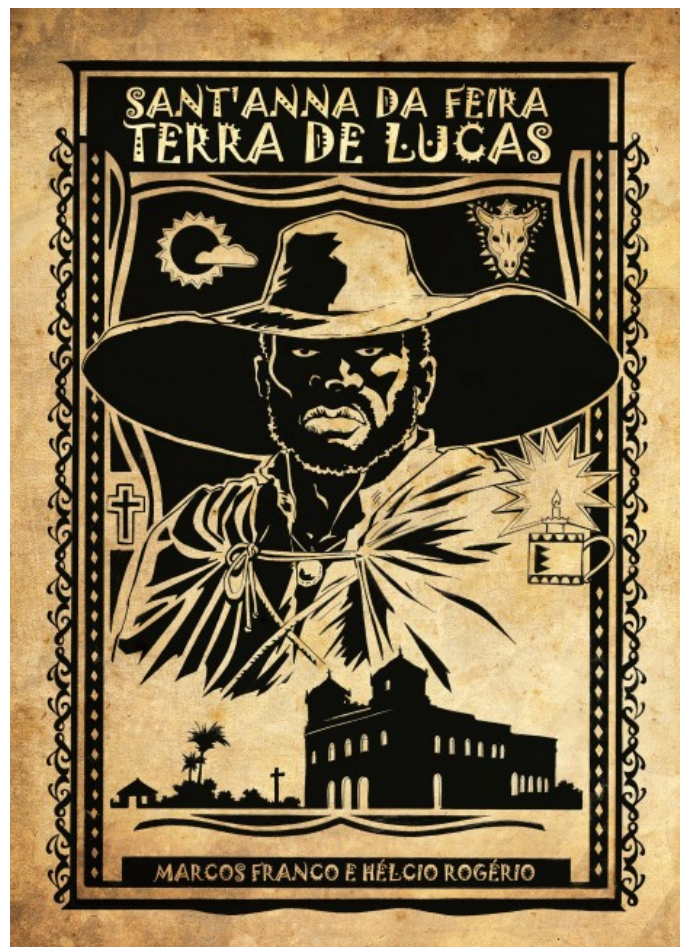
³⁸ Cf. LIMA, p. 08-178.

³⁹ JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória? Escritos/ um. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ, ano 1, nº 1, 2007. p. 9-11.

⁴⁰ Cf. GANDON, Tânia. "Etnotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória". In: **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.14, n.23, jan./jun., 2005.

A imagem a seguir é retirada da História em Quadrinho *Santana da Feira: Terra de Lucas*, com autoria de Marco Franco e ilustrações por Hécio Rogério. Publicada em 2012, recebeu apoio financeiro do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Em 2010 Franco recebeu os prêmios de, Melhor Roteirista, Melhor Lançamento Independente e o de Melhor Desenhista foi para H. Rogério, no 27º Prêmio Ângelo Agostini, considerado uma das mais importantes e tradicionais premiações de Histórias em Quadrinhos realizada no país.

Figura 09: Capa da HQ “Sant’Anna da Feira terra de Lucas” publicada em 2012



Fonte: FRANCO, Marcos; ROGÉRIO, Helcio. **Sant’Anna da Feira terra de Lucas**. Feira de Santana. 2012.

A figura consiste na capa da HQ, apresenta uma ilustração em xilogravura, com tons pardos e preto, suas características se assemelham ao cordel, o personagem principal aparece ao centro da imagem, cercado por elementos como o lampião e uma cruz, com o sol e uma cabeça de boi acima, e abaixo o cenário que seria a Vila de Santana com a Igreja em

destaque. Os autores parecem querer resgatar aspectos da cultura sertaneja e de tradição para a revista.

Lima em análise ao livro de Campos nos informa que Lucas não possuía muita vaidade, apesar do cargo de liderança que ocupava em seu grupo. O mesmo vestia roupas de algodão, um chapéu e capa de couro, um patuá no pescoço e andava descalço.⁴¹ Porém, podemos ver através da HQ, uma representação de Lucas da Feira bem diferente do que já vimos e analisamos até o momento dessa pesquisa. Hélcio Rogério constrói um Lucas protagonista de sua própria história em quadrinhos, um personagem com pinceladas heróicas e traços marcantes que desperta um poderio nunca antes retratado sobre Lucas.

Sua postura reflete o perfil de um homem forte, seu peito robusto é envolvido por uma longa capa que protege seu corpo, a cabeça erguida ampara um grandioso chapéu. A barba encobria seu rosto de traços fortes, uma herança dos povos gêges. Seus olhos cerrados, revela um olhar firme e direto, postura ereta, expressando força em seu semblante, vividez, bravura. Essa imagem reflete as características de força e resistência, que são apresentadas em toda a HQ. Compondo uma imagética temida e respeitada, que ascende aos olhos dos homens e mulheres que passavam pela região e o encontravam.

Lima, através das análises das fontes documentais, destacou que Lucas foi acusados de diversos crimes, como por exemplo: “por roubos, assaltos, homicídios, estupros, espancamentos e outras atrocidades”⁴² Citando fulano, a autora nos informa que Lucas da Feira teria raptado e violentado sexualmente algumas mulheres, uma delas se chamava Ana Gomes, cujo pai Manoel Gomes teria sido morto a facadas, proferidas por Lucas, na tentativa de defender sua filha.⁴³ Em outro momento, Lucas teria violentado Mariquinha (esposa de um lavrador que foi morto pelo rebelde) e posteriormente ele teria tentado raptar três filhas do lavrador Francisco Corrêa, que reagiu, levando uma coronhada de arma e suas filhas teriam fugido para uma fazenda próxima. Já Eufrosina, uma moça branca, teria sido raptada e violentada próximo a região da Vila da Feira. Lima citando Amaury Corrêa de Araújo, destacou: “Lucas queria ter, em relação às moças brancas, os mesmos direitos que os fazendeiros e patrões tinham sobre as escravas”⁴⁴

Em outro momento, Campos em sua obra revelou que Lucas teria raptado uma moça branca chamada Adélia, e em seguida tentado violentá-la sexualmente. Irado, por não ter

⁴¹ LIMA, 1990, p.126

⁴² Ibid,p. 178

⁴³ Ibid, p.142 - 143

⁴⁴ Ibid, p. 143



Fonte: FRANCO, Marcos; ROGÉRIO, Helcio. **Sant'Anna da Feira terra de Lucas**. Feira de Santana. 2012. p.67 até 75.

A sequência que se segue mostra Lucas e companheiros de bando encontrando um homem forçando relações sexuais com uma 'mulata'. Ao perceber o ocorrido, Lucas encurrala o homem e o repreende, libertando a moça. Em seguida, como castigo, para tal ato, aflige o agressor com uma surra de cansação e o obriga a abraçar um espinhoso pé de mandacaru. Após deixar o homem desfalecido sob aviso, Lucas profere as seguintes palavras: *“Que isso te sirva de lição. Na Terra de Lucas crioulo nenhum astúcia a mermo que o sinhô de engenho faiz a suas mucama.”*

Diferente dos fatos analisados por Lima e anteriormente aqui relatados, a HQ de Lucas da Feira inverte os papéis e mostra Lucas enquanto um salvador, nos casos aqui relatados, o estereótipo violento e maldoso, delegado à Lucas, é transformado em um aspecto justiceiro. Ele e seu bando só age com agressividade em resposta a determinada violência sofrida ou imposta a alguém em uma condição vulnerável. Como é o caso da mulata que foi estuprada pelo crioulo. A fala de Lucas carrega um senso de justiça, ao repudiar que qualquer homem de cor faça o mesmo que os senhores de engenho. Além de demonstrar o caráter perverso do sistema escravista e os abusos relacionados à mulher preta, ele enfatiza ser inadmissível qualquer reprodução de determinado infortúnio.

No caso do comerciante, não é Lucas que violenta suas filhas, pelo contrário, a ilustração mostra o pai esbofeteando-a no rosto, horas antes o mesmo teria chicoteado seu jovem escravizado, pelo simples fato deste ter deixado cair no chão as frutas e legumes que carregava. A lógica aqui é invertida e contradiz a imagem perversa que foi extremamente

difundida sobre Lucas na região. Os roteiristas da HQ, nas entrelinhas, nos revela a real fonte da violência e perversidade, ou seja, o próprio sistema escravocrata.

Lucas, através da HQ tem sua história contada por outro viés, que longe de santificar o personagem, traz a baía as problemáticas advindas da escravidão e como ela condicionou os homens e mulheres a um status de inferioridade. Mas apesar desse passado, a memória de Lucas ainda sobrevive no século XXI, ganhando uma nova roupagem, sendo protagonista de sua história de resistência. A busca por referenciais ou heróis negros, através da luta do Movimento, passa a ter mais significado, a partir do momento em que se propõe reconstruir história e identidade de um povo marginalizado. Transformar o escravo Lucas em ícone de resistência é uma tentativa de buscar esse passado renegado, de dar voz a esses sujeitos, demonstrando que apesar das circunstâncias eles foram ativos na luta contra o sistema escravocrata.

Em abril de 2016 foi apresentado o espetáculo *“Lucas da Feira, herói ou Vilão do sertão”* o primeiro evento cultural que se tem notícia, com apoio financeiro de instituições políticas da cidade e do Estado da Bahia. Promovido pela Associação Cultural Comunitária Afro Pop Tambores Urbanos (ACCAPTU) e financiado pela Fundação Cultural da Bahia. O espetáculo de autoria do produtor cultural e instrumentista feirense Domingones França, apresentou aspectos da história de Lucas da Feira mesclando música e dança com características afro-brasileiras, sendo realizado no Centro de Cultura Amélio Amorim, (mas pode ser encontrada na íntegra no youtube)⁴⁶ O evento contou com a presença do artista plástico Silvio Pires, do cantor Jean Santana e o veterano do cenário reggae feirense Tonho Dionorina.

Figura 12: Cartaz da peça Lucas da Feira: herói ou vilão do sertão.

⁴⁶ FRANÇA, Domingones. Lucas da Feira Herói ou vilão? **TV Fênix Bahia**, Feira de Santana, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CXbSbVcCRNw&t=1133s>>. Acesso em: 04 jan. 2021.



Fonte: Feira de Santana: Grupo Cultural apresenta no Centro de Cultura Amélio Amorim 'Lucas da Feira herói, vilão do sertão'. Jornal Grande Bahia. 2016. Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/03/feira-de-santana-grupo-cultural-apresenta-no-centro-de-cultura-amelio-amorim-lucas-da-feira-heroi-vilao-do-sertao/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

A peça trouxe aos palcos um resumo da trajetória de Lucas e seu bando, focando em momentos mais marcantes, como seu nascimento, formação do bando e seu enforcamento. Ao longo da apresentação, haviam intervenções de dança e música que exaltavam a cultura afro-brasileira, ao passo que ia desconstruindo os estereótipos acerca da considerada vida bandoleira de Lucas. Com uma narrativa rica de estética poética, a nova imagem de Lucas ia sendo remontada para os espectadores, que se faziam questionados sobre o sistema escravista e suas consequências nocivas para os homens e mulheres negros vítimas desse processo.

Sobre a peça Domingones França destacou:

No passado o Lucas da Feira ele teve que virar bandido pra combater o racismo, no futuro nós temos internet, temos os palcos, temos várias

expressões, pra poder tentar diminuir essa coisa do racismo e mostrar o nosso lado bom, o lado bonito da coisa, do ser negro.⁴⁷

Em sua fala, ele deixa bem claro a intencionalidade do projeto, que para além de revelar uma outra interpretação da história de Lucas, proporcionou aos feirenses o espetáculo cultural envolvendo música e dança típicas de um povo, o povo preto. Um evento de caráter popular, de certa forma acessível ao público que tivesse o interesse de prestigiar uma releitura dos fatos a respeito da cultura e historicidade de Feira de Santana.

Em 21 de abril de 2017 ocorreu a comemoração aos 210 anos de Lucas da Feira. O evento foi apresentado no Mercado de Arte Popular da cidade, um local onde centraliza o comércio de artigos artesanais e apresentações que englobam a cultura considerada do povo. Apesar de ser um Mercado, o MAP se tornou um espaço para apresentações artísticas como, capoeira, performances musicais e dança como capoeira, samba de roda, reggae, além de palestras, exposições de artes plásticas, artesanato de barro, dentre outras manifestações culturais.

Figura 13 – Cartaz do Evento 210 anos de Lucas da Feira, promovido pelo Mercado de Arte Popular

⁴⁷ FRANÇA, Domingones. Lucas da Feira Herói ou vilão? **TV Fênix Bahia**, Feira de Santana, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CXbSbVcCRNw&t=1133s>>. Acesso em: 04 jan. 2018.



Fonte: Tribuna Feirense. 2017. Disponível em: <<http://www.tribunafeirense.com.br/noticias/26853/homenagem-aos-210-anos-de-lucas-da-feira-neste-sabado-no-map.html>>. Acesso em: 01 jan 2021.

O evento foi desenvolvido por artistas e intelectuais da cidade, tendo o respaldo da Associação dos artesãos do Mercado de Arte Popular - ARTMAP, que reuniu violeiros, cordelistas, artistas plásticos, violeiros, todos eles dedicando sua produção em prol da valorização de Lucas da Feira, enquanto figura histórica para a cidade de Feira de Santana. O palco do MAP ficou rodeados de pessoas que de suas cadeiras assistiam as apresentações, que ocorriam com uma dinâmica em que mesclava um artista por vez, subindo ao palco e demonstrando, recitando ou cantando sua homenagem a Lucas, sempre destacando sua importância enquanto um indivíduo resistente, tendo em vista a condição de vida imposta a ele, por vezes sendo colocado como um mito que defendeu sua raça e classe.

É válido lembrarmos que o aniversário de Lucas foi celebrado em um espaço de promoção da cultura e contou com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL) e da Secretaria Estadual de Cultura da Bahia (SECULT). Um marco para o

momento, tendo em vista que promoções de eventos relacionados a Lucas da Feira sempre foram cercados de polêmicas na cidade. A exemplo disso, tivemos em 2010, por parte de Solange Guerra a Presidente da Associação de Moradores do bairro Pedra do Descanso e o vereador Marivaldo Barreto, a petição na Câmara Municipal, da instalação do nome Lucas da Feira em uma Avenida principal do bairro, devido ao fato de, segundo a historiografia, ter sido um local onde Lucas e seu bando descansava, ou pernoitava durante sua vida nômade, daí o nome do bairro ser Pedra do Descanso. Apesar de ter possuir um caráter popular o pedido foi negado, boa parte dos vereadores reprovaram, alegando que a cidade de Feira de Santana não homenagearia um bandido, um criminoso ao nível de Lucas.⁴⁸

Em 2019 o grupo Grupo Recorte de Teatro produziu o espetáculo *Lucas da Feira: o sujeito antes do mito*, com direção e roteiro do historiador e dramaturgo Fernando Souza, o grupo reúne atores profissionais da cidade de Feira de Santana, foram indicados no mesmo ano ao prêmio BRASKEM de Teatro, premiação criada em 1993 que valoriza e dar destaque aos artistas cênicos da Bahia.⁴⁹

Figura 14: Espetáculo Lucas da Feira: O sujeito antes do mito. 2019.



Fonte: UFRB - Biblioteca do CETENS. **Espetáculo sobre Lucas da Feira será apresentado no Projeto Feira tem Teatro no CUCA.** Salvador, 2019. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/187-espeticulo-sobre-lucas-da-feira-sera-apresentad>

⁴⁸ NASCIMENTO, 2018, p.69.

⁴⁹ UFRB - Biblioteca do CETENS. **Espetáculo sobre Lucas da Feira será apresentado no Projeto Feira tem Teatro no CUCA.** Salvador, 2019. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/187-espeticulo-sobre-lucas-da-feira-sera-apresentado-no-projeto-feira-tem-teatro>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

O espetáculo foi realizado no Centro de Cultura e Arte - CUCA, nos dias 25 e 26 de outubro, seguido de uma mesa redonda denominada “Sociedade escravista em Feira de Santana” que contou com a presença dos doutores em História Ione Sousa e Igor Gomes. A peça de teatro trouxe ao público uma proposta de volta ao passado, para uma Feira de Santana rural e escravagista, mostrando a trajetória de Lucas da Feira desde sua origem, ápice e morte. O cenário do espetáculo trouxe à tona debates raciais, culturais e políticos que problematizam toda uma estrutura social construída em Feira de Santana, deixando aberto ao público a responsabilidade de definir suas próprias respostas acerca de Lucas da Feira.

A mensagem de Lucas da Feira se fez ecoar por séculos na história através das produções artísticas aqui apresentadas. E sua voz, também encontrou melodia nas canções dos artistas da terra.

Lucas da Feira

Que pode o homem e o sistema vil
que pariu a besta e a opressão
Quem viu
a estrela da redenção
Nos olhos da noite
contra o açoite um homem viu
como tantos outros homens
A estrada que se abriu
para conduzir sua gente
pelas veredas escandescentes
Lucas da Feira filho da libertação
cinturão do agreste, de tantos algozes
semeia vozes e resistência
contra a opulência de ditador comum
Lucas da Feira filho da libertação.

Lucas de Santana da Feira

Dizem que o negro tinha o corpo fechado
Mas qual escravo que não o tinha?
Pantera assaltante nas noites de sombras
Rico branco atacava sombra na sombra
Criastes mundo, mundo do sem-mundo
Sendo traído pela ingratidão
Cortaram teu braço, mas aí está a revolta
Enforcaram-te, mas tua voz
Mas viva agora assalta.
[...]
Lucas! Porque te chama de ladrão?
Se te roubaram teu pai, tua mãe;
Reduziram-te a escravo;
Te roubaram tudo: A LIBERDADE!

O cantor Gilsam e Banda Airiyê compuseram em 2002 a música chamada Lucas da Feira⁵⁰, que entrou para o seu disco Reggae Para Todos. Um dos mais importantes nomes do cenário cultural e histórico de Feira de Santana, através do reggae, ritmo musical de forte herança africana, Gilsam durante toda sua carreira reafirmou sua tradição, costumes e ideologias representadas em suas letras. Onde também questiona as injustiças sociais e o racismo.

⁵⁰ GILSAM, Banda Airiyê, Disco: **Reggae para Todos**. Independente, faixa 07, 2002.

Na canção o artista evidencia seu discurso ao mostrar Lucas enquanto uma representação da luta e resistência negra, enquanto um ‘filho da libertação’ que rompe com o sistema violento que o aprisionava. Lucas nesse momento se torna referência, orgulho e inspiração, sua história é eternizada através da canção, que aqui não assume, somente, enquanto um entretenimento, mas como um espaço de luta pela afirmação da história afrodescendente, além do caráter político de combate ao preconceito racial que condiciona os homens e mulheres negros a lugares de marginalidade.

O cordelista Franklin Maxado e o músico e compositor Leguelé Marques lançaram a canção “Lucas de Santana da Feira”⁵¹ de 2004, incorporada no álbum *Vozes da Terra*. Nela podemos analisar indícios de uma narrativa que coloca Lucas como uma vítima da sociedade, uma voz viva no sertão, seguindo na mesma trilha das produções anteriores, esta questiona o sistema e inverte os papéis ao tirar a construção violenta relegada a Lucas e direcionando a sociedade da época, que aqui se torna os algozes que violentaram e mataram Lucas, revelando a verdadeira essência da escravidão. Um sistema impiedoso, cruel e desumano.

É válido notarmos como em ambas as músicas a referência à liberdade é bastante presente. Lucas foi escravizado, portanto privado de tal, tendo sua vida atrelada aos desejos e ordem do seu senhor. Com isso, evidenciar os infortúnios dessa condição é o primeiro passo para ressignificar a imagem de Lucas e por conseguinte reconhecê-lo enquanto um herói, afinal, os verdadeiros salteadores foram os que roubaram a liberdade de tantos homens e mulheres negros.

O personagem não só representa a negritude em Feira de Santana, como está aliada às relações culturais e sociais advindas dos processos de revolta dos escravizados. Apesar da recente representação enquanto um herói, devido as movimentações sociais do Movimento Negro no país, durante muito tempo foi construído e difundido uma imagem negativa a respeito de Lucas e conseqüentemente do povo negro. Vamos ver os poderes políticos e econômicos estabelecerem disputas. Por um lado, é a imagem da ‘Terra de Lucas’ que Feira quer apagar, de um passado escravista, mas que mantém seus resquícios marginalizantes até os dias atuais. Por outro, é a luta de um povo em prol da ressignificação dessas histórias marginalizadas, construindo um novo olhar, problematizando a raiz do problema e dando voz aqueles que não puderam exercer-la, tornando o povo negro herói de sua própria história.

⁵¹ MAXADO, Franklin; MARQUES, Leguelé. Lucas de Santana da Feira. Intérprete: Leguelé Marques. In: **IV vozes da terra**. Feira de Santana –BA: Diretriz Estúdio, 2004, 1 CD, Faixa 9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história é construída através das ações de determinado indivíduo ou grupo e ela permanece viva graças a sua manutenção ao longo do tempo. Diversas maneiras são utilizadas para fazer com que tais ações sejam eternizadas, os monumentos, documentos e a oralidade são os instrumentos essenciais que garantiram à humanidade cravar seus feitos na memória e conseqüentemente na história. Outro aspecto importante apresentado nessa pesquisa foram os meios artísticos, produções culturais que serviram de voz e posicionamento em seu presente e ferramenta de perpetuação de um discurso no porvir.

No caso aqui apresentado, vimos a importância dos instrumentos artísticos na ressignificação imagética de Lucas, a arte foi utilizada para reviver um passado, trazendo novos significados em sua contemporaneidade, garantindo, no contexto sociocultural, mudanças futuras. Músicas, cordéis, pinturas, peças teatrais, revistas e literatura, esses diversos campos artísticos culturais desenvolveram novos discursos de contra cultura, analisando o que a séculos havia sendo propagado e cristalizado por um viés negativo e entregando novas perspectivas, carregada por problematizações históricas e reinterpretações válidas.

A importância das lutas sociais advindas do Movimento Negro foram essenciais para embasar essa nova história, que agora estava sendo contada com as devidas ressalvas e questões jamais antes colocadas. Entender esse processo é fundamental, tendo em vista que a sociedade produz sua memória de acordo com os pensamentos e poderes vigentes de cada período. Entender a história de Lucas e apresentá-la foi fundamental para compreender esse processo de mudanças sociais, ao passo que revela como a sociedade é diversa e produz discursos diferentes, partindo do contexto e mentalidade social, cada sujeito fala do seu espaço e vivência. As produções artísticas analisadas aqui, nos trouxe a reflexão acerca do papel histórico e cultural na construção de ideologias políticas, sociais que delimitam espaços e dão voz a aspectos fundamentais da sociedade.

Lucas da Feira foi o homem escravizado mais conhecido de Feira de Santana e região, porém sua história, assim como a de diversos homens e mulheres negros, esteve envolta a estereótipos criminalizantes, gerando até os dias atuais diversas discussões que permeiam os julgamentos morais e sociais dos sujeitos feirenses. Nascido por volta de 1807, foi escravizado pelo Padre José Alves Franco em sua fazenda Saco do Limão, até o momento de sua fuga e formação do denominado Bando de Lucas. Cercado por histórias, mitos e contos populares. Seja pelo caráter racista que relegou sua imagem a um mero “escravo fugido, um

salteador perigoso”, até o Herói, o mito negro sertanejo, que vestiu a liberdade como indumentária e quebrou padrões impostos por uma sociedade escravista. Lucas, através das produções culturais, permeou seu nome na memória e na história feirense.

FONTES

Cordel

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. ABC de Lucas da Feira. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=LC2661%20-%20ABC%20de%20Lucas%20da%20Feira&pesq=&pagfis=46521>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MAXADO, Franklin. **Vida e morte de Lucas da Feira, o negro escravo assaltante**. Feira de Santana, BA, 2005. In: Museu Casa do Sertão - Universidade Estadual de Feira de Santana.

SILVA, Jurivaldo Alves da; SILVA, Patrícia Oliveira da. **Prisão e morte de Lucas da Feira**. 1976, Feira de Santana, Ba: (s.n.), 2008. 8p. In: Museu Casa do Sertão - Universidade Estadual de Feira de Santana.

Jornais

ALENCAR, Helder. Lucas da Feira: 127 anos depois do enforcamento, **Feira Hoje**, Pasta Lucas da Feira, 1976. Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF)

ENOCK, Elias. Lucas Evangelista. **Folha do Norte**, Feira de Santana. 19 set. 1977. p.11. Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF)

Imagens

Primeira ilustração de Lucas da Feira, 1948 (atribuída a Lopes Rodrigues). Fonte: SILVA, Alberto. Lucas da Feira. Revista IGHBA, 1949.

Representação de Lucas da Feira. Desenho feito por Vivaldo Lima, publicada em 1983 na revista Panorama. Fonte: LIMA, Vivaldo. Lucas da Feira. Revista Panorama, ano. I, n. 3. p. 24, out. 1983

Desenho de Lucas da Feira feita por Hécio Rogério, como ilustração para capa da HQ "Sant'Anna daFeira terra de Lucas" publicada em 2012. Fonte: FRANCO, Marcos; ROGÉRIO, Helcio. Sant'Anna da Feira terra de Lucas. Feira de Santana. 2012.

Pintura de Carlo Barbosa "O Flagelo de Lucas". Acrílico sobre tela, 240 x 150. 1987. Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca).

Livro

CAMPOS, Sabino de. **Lucas o demônio negro**. Romance folclórico baiano. Rio de Janeiro, 1957. Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF)

BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1986. p.127-128

Música

GILSAM, Banda Airiyê, Disco: **Reggae para Todos**. Independente, faixa 07, 2002.

MAXADO, Franklin; MARQUES, Leguelé. Lucas de Santana da Feira. Intérprete: Leguelé Marques. In: **IV vozes da terra**. Feira de Santana –BA: Diretriz Estúdio, 2004, 1 CD, Faixa 9.

Revista

LIMA, Vivaldo. Lucas da Feira. **Revista Panorama**, ano. I, n. 3. p. 24, out. 1983.

Revista em Quadrinho

FRANCO, Marcos; ROGÉRIO, Helcio. **Sant'Anna da Feira terra de Lucas**. Feira de Santana. 2012.

RÊGO, Jânio. Lucas da Feira. **Revista Panorama**, ano. I, n. 3. p.24, Out. 1983. Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF)

SILVA, Alberto. Lucas da Feira. **Revista IGHBA**, 1949. p.185 até 191. Pasta de Lucas-Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses (MCS/CENEF).

Teatro

FRANÇA, Domingones. Lucas da Feira herói ou vilão? **TV Fênix Bahia**, Feira de Santana, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CXbSbVcCRNw&t=1133s>>. Acesso em: 04 jan. 2021

UFRB - Biblioteca do CETENS. **Espetáculo sobre Lucas da Feira será apresentado no Projeto Feira tem Teatro no CUCA**. Salvador, 2019. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/187-espeticulo-sobre-lucas-da-feira-sera-apresentado-no-projeto-feira-tem-teatro>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco. **Origens e povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial**, 1990, 165f, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988.

COSTA, Elaine de Jesus. **Lucas da Feira e os demônios da representação**. Monografia (Licenciatura em História) Universidade Estadual de Feira de Santana. 2015.

Cuca abre o Projeto Memórias com exposição de Carlo Barbosa. **Canal EducaBahia**. 2007, Salvador. Disponível em: <<http://www.bahia.ba.gov.br/2007/11/noticias/educacao/cuca-abre-o-projeto-memorias-co-m-exposicao-de-carlo-barbosa/>> . Acesso em: 09 abr 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana 1850-1888**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

GANDON, Tânia. “Etnotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória”. In: **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.14, n.23, jan./jun., 2005.

GARCIA, Nelson, Jahar. Propaganda: **Ideologia e Manipulação**. <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/manipulacao.html>> Acesso em: 31/03/2016.

HOMENAGEM aos 210 anos de Lucas da Feira neste sábado, no MAP. **Tribuna Feirense**. 2017. Disponível em: < <http://www.tribunafeirense.com.br/noticias/26853/homenagem-aos-210-anos-de-lucas-da-feira-neste-sabado-no-map.html>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória? Escritos/ um. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ, ano 1, nº 1, 2007

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LIMA, Zélia Jesus de. **Lucas Evangelista: o Lucas da Feira: estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana 1807-1849**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1990.

MANOEL, Lopes Rodrigues. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23851/manoel-lopes-rodrigues>>. Acesso em: 15 de Jan. 2018.

NASCIMENTO, Jaqueline Vieira. “Lucas, porque te chamam de ladrão?”: a **construção identitária de ícone de resistência negra na figura de Lucas da Feira em Feira de Santana no século XX**. Universidade Estadual de Feira de Santana (Monografia). Feira de Santana, 2018.

SANTOS, Igor Gomes. A ordem heterogênea: crime e criminalização de “comunidades volantes” na formação da nação, Bahia (1822-1853). 2017, 345f. Tese (Doutorado em História Social Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017, pdf

SILVA, Aldo José, Moraes. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1927)**, 2000, 212f, Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000, pdf.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. Literatura de cordel no Brasil: **folhetos e a função circunstancial**. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais. Brasília, 2008.